

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 1 – Improvável

A curiosidade de Michael Makoto parecia estar um pouco distorcida. Claro que a curiosidade sempre foi uma de suas características mais notáveis, mas as últimas 24 horas estavam fazendo com que ela se voltasse para o lado errado, ao menos é isso que lhe parecia.

Ele olhava para o teto do avião, o encarava com o pensamento em um lugar agora distante. É interessante como as pessoas às vezes se dão conta de que esqueceram de algo e não entendem como sua mente chegou nesse ponto. Foi o que acabara de acontecer com Michael. Ele percebeu, sem um motivo aparente - talvez fosse por estar olhando para o teto de um avião -, que não lembrava para onde estava viajando.

Inglaterra!

Pensou de imediato. Mas não lembrava, ou não sabia, qual o local dentro do país. Isso é estranho, e o próprio Michael tomava consciência disso agora. Ele é curioso demais para não passar a última hora tentando imaginar para onde, afinal de contas, estavam indo exatamente.

A lembrança da tarde do dia anterior não lhe permitia pensar em muita coisa. Essa lembrança absorvia toda sua curiosidade. Michael queria entender várias outras coisas, mas nem todas elas juntas se comparavam a uma só: o que foi que aquele homem fez?

Michael já tinha pensado várias e várias vezes sobre isso nas últimas 24 horas. O último dia pode ser qualquer coisa, exceto comum. Ninguém poderia chamá-lo de “um dia normal”, mas todos os pensamentos de Michael se voltavam para entender um momento que era restrito a pouco mais de 4 minutos.

Mais uma vez ele mergulhava em suas lembranças, agora revisando o que acontecera naquele dia. Talvez entendesse algo mais dessa vez, embora já começasse a achar que só entenderia isso quando buscasse a resposta em seu destino, qualquer que fosse o local ao qual o avião o estava levando.

Michael lembrava do dia que passou da seguinte forma: era 11 de janeiro de 2013. Ele não lembrava qual o problema que havia na escola, mas as aulas foram suspensas por uma semana. Em New York, o clima estava interessante – termômetros marcavam 51,8°F (algo como 11°C) –, mais agradável que na maioria dos últimos dias. Ele e seu irmão, Brian, estavam para visitar o Museu Americano de História Natural pela primeira vez. Na verdade, Brian já havia visitado o museu antes, numa excursão da escola, há uns 3 anos. Michael não pôde ir, pois estava doente na época, isso fez com que ele tivesse ainda mais vontade de ir.

Interessante.

Agora que pensou nisso, nem seu pai, nem seu tio Ben – que tantas vezes passou dias com eles –, ninguém jamais os levara para uma visita ao museu mais famoso da cidade. Claro, claro, isso poderia ter alguma relação com o fato de todos eles – inclusive os dois irmãos – serem fanáticos por artes marciais e não por ciência ou por história, embora fossem inteligentes, estudiosos, cultos... mas lutar era divino! O próprio Michael foi campeão estadual de karate, enquanto seu irmão era campeão de kendo em alguma espécie de torneio da federação, ao menos é o que Michael lembrava.

Chegando ao museu, não foi de admirar que encontrassem uma multidão, mas Michael ficou admirado ao perceber que o teto, no primeiro salão após a entrada, ficava a mais de 20 metros do chão, isso sem falar da cena montada em que os esqueletos de dinossauros pareciam tentar intimidar um ao outro. Tudo parecia dar a impressão de grandeza, incluindo a estátua de Theodore Roosevelt em frente ao museu.

Esses pensamentos foram recorrentes na mente de Michael no início. Ele também lembrou um pouco que brincou ao comentar isso com Brian. Afinal, Brian não era tão baixo, mas sua altura não passava de 1 metro e 67 centímetros, enquanto Michael ostentava seus 1 metro e 85.

As expressões de Brian, quando mencionavam que seu irmão era tão mais alto, apesar de ter 16 anos e Brian, 17... ele não era o tipo que entrava em discussões desnecessárias, mas isso era uma das coisas que mais o fazia perder a calma.

Eis algo que fez com que Michael realmente admirasse o irmão: sua serenidade. Era difícil lembrar qualquer ocasião em que seu irmão mais velho perdera a calma. Isso rendia a vitória a Brian em quase todas as lutas que os irmãos travavam entre si – ainda que ele usasse uma *shinai*.

Quando Michael estava começando a divagar nesses pensamentos, a curiosidade voltou a encobrir sua mente.

Mas afinal o que foi aquilo? O que ele fez?

Isso levou os pensamentos de Michael diretamente ao corredor do museu que antecedia a sala japonesa. A pequena sala japonesa não devia ocupar uma área maior que 10m² e parecia mais um móvel dentro de uma sala, um móvel com janelas. Michael sequer desejou entrar ali. Não se importava com o fato de seu pai ser incontestavelmente japonês, nem sabia se era permitido entrar lá. Mas era nesse ponto que a história começava a ficar complicada. Um homem, cujo rosto estava coberto, aproximava-se por trás deles pelo corredor. Eles agora já estavam a menos de 3 metros de uma pequena janela que parecia uma vitrine do “móvel japonês”. Pararam ali e observaram o homem com atenção, afinal, não é todo dia que se vê alguém com uma máscara preta cobrindo o rosto todo com exceção dos olhos, e tudo fica mais estranho quando esse homem tem quase 2 metros de altura.

O homem aproximava-se andando e olhando atentamente para a vitrine à frente. Não parecia ter pressa, não, não. Também não parecia notá-los ali, pois passou por eles sem parecer se dar conta de que havia duas pessoas em seu caminho. Parecia que iria...

– Ei, o que você vai fazer? – Saiu da boca de Brian, quase que como um grito, em direção ao homem que agora quebrava o vidro da pequena janela. – Você ficou maluco?!

Brian e Michael, quase involuntariamente, deram um passo em direção à janela quebrada. Em resposta a esse passo, não aos questionamentos audíveis de Brian, o homem virou o rosto para eles. Possuía olhos castanhos. Toda sua roupa parecia elegante, o que contrastava com a máscara. Usava paletó preto com camisa branca. Suas calças também elegantes eram pretas e seus sapatos da mesma forma. Michael não conseguia lembrar que roupa ele próprio estava usando - usava uma calça, isso ele lembrava -, tampouco as que seu irmão usava. Aquele homem, entretanto, ah, ele tinha lugar especial nas lembranças do garoto. Sim, pois foi essa imagem que ficou em sua mente durante todo o dia que se passou. Tudo isso porque no exato momento em que o homem virou o rosto para os irmãos, Michael sentiu algo penetrar cada parte de seu corpo. Não doía, mas era desagradável. A princípio não foi tão incômodo, mas quase imediatamente passou a afligir o garoto. Ele lembrava ter sentido algo vindo até ele, mas não via nada. Apenas continuou lá, imóvel, em pé e encarando o homem. Toda essa sensação lhe fez lembrar rapidamente dos filmes de terror que assistia, onde as vítimas só podiam sentir o poder sobrenatural do fantasma e sofrer os ataques. Não viam...

Seja o que for, veio da direção em que ele estava. Ele fez isso, tem de ter sido ele!

Mas não mudava o fato de que Michael não sabia o que era aquilo. Seu corpo sentiu constantemente aquela sensação angustiante por mais de um minuto. Parecia que sua alma desejava com todas as forças abandonar o corpo e fugir!

O homem não os olhava mais. Ele agora estava ocupado observando as peças em exposição na vitrine que havia à frente dele. Não demorou. Logo pegou o que Michael observou ser um anel de ouro coberto de arranhões profundos. Pareceria uma aliança de casamento, não fossem os arranhões. Ao pegar o anel, olhou-o por alguns segundos. Parecia analisá-lo com profundo interesse. Colocando-o no bolso direito da calça, voltou-se para trás e parou, observando agora o irmão mais jovem que não conseguia mexer um músculo sequer.

Sua face não era visível, mas os olhos do estranho demonstravam que ele estava atônito, como uma pessoa que não acredita ao ver um animal num circo realizar certos truques. O que o fez ficar assim?

Michael, por outro lado, sabia o porquê de ele próprio estar atônito. Não podia se mexer – e não fazia ideia do que provocou isso. Acabara de presenciar um roubo ao Museu Americano de História Natural e não havia qualquer sinal de que alguém mais no mundo soubesse que aquilo estava acontecendo – fosse a polícia ou a segurança do museu – e agora via em sua frente alguém que, de alguma forma, o fez parar só com um olhar.

Se mexe, se mexe!

Ele queria sair dali o mais rápido que conseguisse. Não conseguia nem pensar devidamente, pois sua mente estava em mal estado, mas seu corpo estava perdido, não podia responder a nenhum comando de seu cérebro. Até seus olhos estavam travados no mesmo local.

O homem continuava a observá-lo pacientemente, e pensativo. Continuava sem dar impressão alguma de estar com pressa. Michael não podia falar, mas em sua mente ele se perguntava qual o motivo para isso. Quem é ele? O que ele quer comigo...? Não! O que ele **fez** comigo?!

Depois do que pareceu ser uma eternidade para Michael, a sensação de desconforto começou a atenuar-se. Ele agora podia mexer alguns músculos da face. Tentou desviar o olhar para seu irmão ao lado.

– Garoto, eu sei que não vai conseguir me dizer seu nome – disse o homem, e sua voz pareceu a Michael como uma que ficaria muito bem para um cantor de ópera –, mas já sei mais sobre você do que eu preciso no momento. Escute. Meu nome é Marinville. Gostaria de poder ficar e esperar você falar comigo, mas não terei tanto tempo assim. Fique com isso – disse enquanto pegava sua carteira no bolso do paletó e procurava nela um cartão, que colocou entre os dedos rijos de Michael. Amanhã alguém vai procurar por você, mostre esse cartão para ele. Por favor, sei que, na sua situação, confiar em qualquer coisa que eu disse vai ser difícil, mas não dificulte seu dia e nem o meu, está bem? Pode levar esse seu amigo com você, também gostaria muito de falar com ele.

Agora ele dava alguns passos em direção ao corredor pelo qual viera.

– Cuide-se bem e não faça nada ingênuo – disse Marinville ao parar por um instante –, facilite as coisas, está bem? Até amanhã, meu amigo.

Logo desapareceu de vista.

Do nada surgiu, para o nada voltou.

Pensava Michael, agora no avião. Em suas lembranças, era claro o que havia acontecido a seguir: Michael deixou o cartão entre os dedos e mais uma vez tentou observar o irmão. Agora conseguia virar o pescoço com dificuldade. O que viu o fez tremer. Brian estava estirado no chão, provavelmente inconsciente.

Mas afinal o que foi tudo isso que aconteceu aqui?!

Era isso que ele não sabia. Suas lembranças foram interrompidas por um jovem que adentrou o local onde ele estava no avião, parecia vir da cabine do piloto.

– Senhores, em alguns minutos vamos pousar. Todos devem estar com os cintos de segurança devidamente colocados.

Na poltrona imediatamente à frente da qual se encontrava Michael, estava Brian. Na imediatamente anterior, encontrava-se seu pai, Satoshi Makoto. Na poltrona à frente de Brian, estava sentado com austeridade Joseph Marinville. Havia, ainda, uma poltrona vazia à frente de Marinville.

O rapaz que adentrara a cabine passou por cada um dos passageiros para verificar se usavam o cinto corretamente, soltando um “com sua licença” no momento em que observava cada assento e um “mil desculpas” no momento em que necessitou tocar o cinto de Michael para ajustar a fivela que não estava devidamente fechada; evitava com um nível muito maior de nervosismo, no entanto, o assento de Marinville, pelo qual passou unicamente com um leve aceno de cabeça e um sorriso que demonstrava o quanto aquela situação o deixava nervoso. Não se deteve mais que alguns segundos em nenhuma das poltronas e logo voltou, sem mais palavras, pela mesma porta que havia usado para entrar na cabine.

– Ele apenas se preocupa um pouco mais que o necessário para que todos fiquem seguros – disse Marinville. Não se aborçam com ele. O pequeno Christian tem um bom coração e corresponde ao desejo de Sir Ektor de que todos estejam perfeitamente confortáveis e seguros em sua aeronave.

– A viagem está sendo maravilhosa, senhor Marinville, e o rapaz não contribuiu em nada para fazer isso mudar. Se o desejo de Sir Ektor é nos deixar confortáveis, pode acreditar que o objetivo foi alcançado – respondeu Satoshi.

– É bom que seja assim. Sua graça não aceitaria que eu deixasse alguém viajar de maneira desconfortável em seu avião particular. Ele concedeu esse transporte por acreditar que vocês são dignos dele. Vejam bem, esse é o transporte que o próprio Sir Ektor utiliza quando sai de sua propriedade para locais mais distantes.

– É uma honra, sem dúvida. Espero que possamos agradecer a ele pessoalmente.

– Em algum momento poderão, certamente. Lembre-se que lhe disse antes, vocês serão devidamente observados e, se qualificados, terão a honra de unirem-se a um dos grupos que compõem a Fundação Levine – Michael agora percebia que Marinville mantinha sempre um tom suave na voz, até mesmo na situação perturbadora no museu sua voz era calma. Sir Ektor – continuou ele – não é alguém muito disponível, se é que me entendem. Claro, se participarem dos grupos ativamente, e eu acredito piamente que conseguirão, em algum momento poderão encontrá-lo.

– Mas por que você ainda insiste em chamar de “grupos” o que só são fachadas para o crime organizado que sua “fundação” executa? – disse Michael impetuosamente; mas, ao ver o rosto naturalmente lívido de Marinville surgir sobre as poltronas da frente e olhá-lo de maneira tão profunda que parecia poder ver até sua alma, Michael arrependeu-se de ter dito aquilo; é verdade que estava cansado de todos os eufemismos cínicos que insistiam em usar sem necessidade, mas aquele olhar lhe aterrorizou, embora não tivesse nada do efeito paralisante que teve o olhar no museu.

– É algo recomendável ter cuidado ao falar, Michael Makoto – respondeu Marinville. A escolha das palavras pode colocar o emissor da mensagem em perigo. É por isso que, embora a realidade às vezes seja diversa, podemos sempre usar termos diferentes em nossas conversas. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo e, principalmente, quais serão as consequências pelo uso dos termos errados. Consegui elucidar sua dúvida, meu amigo?

Michael só pôde balançar a cabeça em afirmação. Óbvio, não havia nada de certo para ele naquilo tudo, era apenas mais uma desculpa cínica para bandidos que querem disfarçar suas ações de qualquer forma, mas aquele homem impunha uma autoridade que era muito maior que a de seu pai, sem falar do medo que ele inspirava quando Michael lembrava do museu.

Michael Makoto não podia ver ninguém agora que Marinville tornara a sentar-se, mas podia jurar que seu pai estava tentando mandar que ele tivesse cuidado e fosse mais sensato – isso, aliás, era algo que ele constantemente repetia para Michael; também, algo do qual ele se orgulhava em Brian, pois os sermões do pai não se faziam necessários para seu irmão mais velho, o sempre prudente.

Michael se acalmou em poucos minutos, afinal, não foi algo tão grave assim, já havia passado por coisas piores com Marinville no último dia. Logo ele retornou às lembranças. Agora, rapidamente lembrou que observava o cartão que estava em sua mão durante as mais de 2 horas em que ficou ao lado do irmão inconsciente – felizmente não mais que apenas inconsciente, Michael já havia se certificado – enquanto esperava alguém para ajudá-los. Bem, Michael não ousou mover o irmão, não sabia o que ele poderia sofrer se o movesse. O próprio Michael ainda não movia o corpo com perfeição, alguns músculos ainda pareciam sofrer de câimbras. Então resolveu esperar ao lado de seu irmão até que alguém aparecesse ou que Brian acordasse.

O cartão era de um papel comumente usado na maioria dos cartões que Michael já tocara. Tinha um fundo meio cinza, acima, e meio branco, abaixo, com uma linha horizontal azul escura que fazia divisa entre as duas cores. As únicas informações eram as palavras “Fundação Levine – Apoio às Artes e Desenvolvimento de Jovens” em letras brancas na parte cinza. Havia também, na parte branca, o nome de Sir Ektor Levine e algumas informações para contato como “Yorkshire” e algo sobre ser próximo da Overton Woods, assim como um e-mail oficial da fundação e um número de telefone aos quais não deu importância.

Lembrou ainda que algumas horas depois, 4 homens apareceram no corredor pelo qual Marinville aparecera anteriormente. Um deles parecia ser um oficial da polícia de Nova York, outro, um enfermeiro, os demais ele não fazia ideia de quem podiam ser.

– Que... oi, oi! Garoto! Você tá legal?! – perguntava o oficial de polícia que parecia realmente estar interessado nos dois garotos, mais ainda no que estava sentado e não no desmaiado.

– Eu tô ótimo! Esse é meu irmão. Por favor, preciso saber se ele está bem ou se...

– Se acalma, rapaz. Quem é você?! O que você tá fazendo aqui e o que aconteceu aqui?!

O enfermeiro já estava se aproximando de Brian e parecia que iria começar a examiná-lo, então Michael respirou fundo e tentou conversar com o oficial sem pressa.

– Meu nome é Michael Makoto. Esse é meu irmão Brian Makoto. Nós estávamos aqui observando aquelas peças. Um homem veio e levou alguma coisa dali. Ele foi embora e meu irmão ficou inconsciente absolutamente do nada! Ei, como ele tá?!

– Não dá pra detectar nada de errado com ele – disse o enfermeiro. Está como os outros.

– Como assim?

– Rapaz, você é a única pessoa que achamos acordada no museu – respondeu o policial. Ninguém aqui, nem mesmo um funcionário... todo mundo tá na mesma situação do seu irmão.

– Aquele homem fez todos desmaiarem? Como é que ele conseguiu algo assim?

– Michael, certo? Você viu um homem aqui e ele levou alguma coisa das que estão naquele móvel. Tem certeza disso?

– Tenho.

– E o que fez o seu irmão desmaiar?

Michael não sabia se devia responder essa pergunta. “Não faça nada ingênuo. Facilite as coisas”. Aquele cara sabia como deixar uma impressão forte nas pessoas, isso é um fato. Será que ele estava falando disso? “Não conte nada sobre o meu interesse em você, ou sobre o que eu fiz”? Se era isso, Michael já havia falado que um homem roubou alguma peça, talvez não fosse sábio falar mais.

– Eu não faço ideia. Só sei que quando o homem pegou o que queria, ele saiu sem se preocupar comigo. Quando eu olhei, meu irmão estava desmaiado e eu...

– Você o quê?

E agora? Seria “ingênuo” falar da paralisia? Marinville o deixara em uma situação totalmente louca. Ele nem sabia o que podia fazer ou não. De uma coisa Michael tinha certeza, ele não gostaria de fazer nada que deixasse Marinville contrariado.

– Eu fiquei com medo demais pra sair do lado dele – continuou o rapaz.

– Bem, ele está a salvo – disse o enfermeiro. Descanse, rapaz, ele está bem.

– Vamos levar o seu irmão pra o hospital de qualquer jeito, e você tem de vir comigo, rapaz – dizia o policial enquanto procurava algo em seus bolsos.

– Mas o que...

– Você é a única pessoa que viu algo aqui! É a única pessoa que ficou consciente! É claro que o capitão vai querer falar com você! Droga... o FBI inteiro deve querer falar com você!

– Eu... eu... eu preciso ver meu pai, preciso falar com ele...

– Você vai poder falar com ele, garoto, mas vai ter de vir comigo!

Michael não gostava de como o policial estava ficando exaltado. O enfermeiro agora estava colocando Brian em uma espécie de maca, Michael nem sabia o nome daquilo. Um dos outros dois homens o estava ajudando e o outro já havia continuado pelo corredor.

– Qual é o nome de vocês?

– Adam – respondeu o enfermeiro rapidamente e sem dar muita atenção ao garoto consciente.

– Eu me chamo Frank – falou o homem que ajudava Adam, pela primeira vez sua voz foi ouvida naquele corredor.

– Eu sou o sargento Riggs, Marvin Riggs. Agora vamos andando.

Desde que Brian já podia ser transportado sem que Michael temesse, o pequeno grupo adiantou-se para a entrada do museu. Em pouco mais de 5 minutos eles estavam chegando ao salão com teto 20 metros acima de suas cabeças e ossos de dinossauros expostos de forma a parecer que estavam intimidando uns aos outros.

Agora ficava mais fácil compreender a exaltação do sargento Riggs. A entrada estava muito mais cheia que quando eles chegaram ao museu horas atrás. Havia um verdadeiro caos. Muitas pessoas se movendo e transportando outras pessoas da mesma maneira que Brian estava sendo transportado. O que quer que tenha acontecido, provavelmente não foi provocado por Marinville sozinho. Centenas ou milhares de pessoas estavam inconscientes e ninguém sabia o motivo... isso justifica toda a exaltação do sargento, sem dúvida. O pobre homem, de pele escura, estava começando a ficar pálido por conta de toda a afobação causada a ele por toda aquela situação.

– Vamos tentar passar por esse lado, Adam! – disse o sargento, que tentava abrir caminho na grande multidão pelo lado direito próximo à parede.

Eles se espremiavam contra a parede e afastavam a multidão da maneira que podiam para dar espaço para Brian. Essa tarefa não era fácil, pois quase todos estavam levando outras pessoas inconscientes.

Na verdade, aquele cenário era surreal. Na mente de Michael, isso só se assemelhava a filmes nos quais ele via pessoas amontoadas nas ruas em protesto, mas aqui muitas pessoas estavam inconscientes e sendo carregadas de uma forma que lembrava também o cenário após uma batalha numa guerra, embora não houvesse sangue.

– Michael!

Um homem de 1 metro e 75 saltava do meio da multidão acompanhado de um outro de estatura um pouco maior. O primeiro era asiático, enquanto o segundo tinha feições distintas.

– Michael! – repetiu o homem que vinha à frente.

– Pai!

– Como vocês estão?! O que aconteceu?!

Satoshi Makoto estava bem ali, na frente dele. Isso era um alívio. E seu tio Ben estava lá também, o que fazia com que ele tivesse certeza de que tudo iria se resolver. Sim, afinal, quando Satoshi e Ben se juntavam para solucionar algo, não havia problema sem solução.

– Então o senhor é o pai desses garotos? – perguntou o sargento.

– Sim, são meus filhos. Eu me chamo Satoshi Makoto, sou um agente de paz do Fundo de Missões Humanas da ONU. Eu agradeço por cuidar de meus filhos, agora eles estão seguros comigo.

– Não posso deixá-los, senhor Makoto. Seu filho aqui é a única testemunha do que quer que tenha acontecido aqui. Ele precisa ser mantido com a polícia. Com certeza vão querer ouvi-lo.

– Única testemunha, Michael? Explique-se.

– Pai, um homem roubou uma das peças do museu. Eu e Brian estávamos lá no momento. Brian desmaiou, e parece que todo mundo no museu fez a mesma coisa. Mas eu continuei acordado. Ele deve ter feito algo...

– Michael, já está bom! Oficial, como se chama?

– Eu sou o sargento Marvin Riggs. Seja como for, seu filho não... o senhor está me ouvindo?

Satoshi agora já estava com o telefone ao ouvido. Deu as costas ao sargento Riggs e começou a falar e afastar-se do grupo para poder falar sem ser ouvido. Ben tratou de conter a exaltação cada vez maior do oficial. “Acalme-se, homem” foi o que ele disse, seguido de frases para conter o espírito do sargento que quase beirava a histeria agora. Não levou sequer um minuto e Satoshi havia retornado.

– Tudo já foi resolvido, sargento Riggs. Meus filhos devem vir comigo.

– Entenda que não posso permitir isso! Há muitas pessoas que vão querer saber o que ele viu. Detalhe por detalhe, homem! – a exaltação agora ultrapassava os limites da educação, mas ninguém, exceto Adam e Frank, que estavam um tanto desconfortáveis com a situação, se preocupou com isso.

– Sim, as pessoas certas ouvirão – retorquiu Satoshi com autoridade suficiente para fazer um leão parar de rugir. Infelizmente, eles realmente vão querer ouvir – acrescentou de maneira baixa, como se falasse pra si mesmo.

– Sargento Riggs? – perguntou um homem de terno.

– Sim. Quem é o senhor? – a autoridade de Satoshi trouxera o sargento de volta ao chão.

– Agente federal – disse enquanto mostrava o distintivo. O senhor Satoshi tem permissão para levar seus filhos embora agora. Por favor, acompanhem-nos até o carro que está lá fora e a partir daí podem ficar descansados quanto a eles.

O sargento não sabia o que falar. Estava boquiaberto. O que aconteceu ali? Um agente federal surgiu do nada para dar passe livre à única testemunha de toda essa bagunça... tudo o que ele pôde fazer foi obedecer sem questionar. Pelo visto, tudo isso foi demais para o sargento. Não que Michael estivesse levando numa boa, mas ao menos não estava preocupado com tantas coisas. Agora que Brian certamente estava bem, ele estava apenas preocupado em saber o que Marinville fez e o que pretendia fazer com eles, e apesar de ser um pensamento assustador, Michael Makoto estava mais interessado em obter uma resposta para se satisfazer em lugar de obter uma resposta para se sentir seguro.

Já era noite quando eles saíram do museu. Sargento Riggs não pronunciou nem mais uma palavra enquanto permaneceu ao lado de Michael. Adam e Frank também permaneceram em silêncio, que só foi quebrado pelo enfermeiro que recomendou cuidados para serem tomados com Brian. Ben e Satoshi não aparentaram necessitar daquelas informações.

Horas depois, eles mudaram o caminho. Não estavam mais indo para casa. Pararam à frente de um hotel, um grande hotel. Por que Michael Makoto não lembrava sequer o nome? Ele não sabia. Mas foram direto para o quarto 912. Era realmente bonito. Dois homens os aguardavam sentados em poltronas próximas da porta de vidro que dava para a varanda. Juntamente, esperavam também dois outros homens, mais altos que Marinville. Estes estavam em pé próximos aos outros dois.

– Sentem-se, Makoto – disse um dos dois homens que estavam sentados enquanto fazia um gesto apontando o sofá e as demais poltronas; ele devia passar dos 60 anos, com os cabelos grisalhos e uma leve barba, impunha respeito ao olhar.

– Vamos direto ao assunto – disse o outro homem, que parecia mais jovem, aparentava não mais que 40 anos e era loiro, de cabelos que tocavam os ombros. Makoto, queremos ouvir seus filhos, depois devemos resolver o que fazer.

Brian já estava acordado, embora não entendesse o que estava acontecendo ali. É natural que ele fosse um dos que mais prestavam atenção ao relato de Michael. Não levou muito tempo, em alguns minutos toda a história foi contada em detalhes. Mesmo que Michael não tivesse muita confiança em contar a história, Satoshi só precisou de duas frases para convencê-lo a falar abertamente.

– Rum... é uma situação difícil de acreditar – disse o homem mais velho –, mas se Joseph Marinville é o responsável por tudo isso...

– Sir Ektor. Eu não sei se é realmente tão difícil de acreditar – interrompeu o outro homem. Sua fortuna e o patrimônio da fundação são típicas formas de riqueza que não surgem sem um grande crime.

Michael estava espantado que a preocupação deles fosse tão diferente da sua. Esse Sir Ektor, ele já tinha ouvido falar antes. Era um nobre inglês, um típico filantropo que dirigia uma fundação que ajudava jovens de todo o mundo. Então ele não era tão filantropo assim, afinal. Grande coisa! Ele esteve diante de um homem que tinha qualquer tipo de poder aparentemente sobrenatural! O bandido riquinho que procurasse outro público.

– Senhores, temo que não saibamos algo mais importante – disse Satoshi. O que Marinville quer com meus filhos? Não é o tipo de recrutamento que a Fundação Levine deve usar. Quais os riscos de se expor dessa forma? Extremamente altos! Por que meus garotos valeriam a pena?

– Sim, sim – respondeu o homem loiro. É algo muito estranho, realmente. Mas isso só nos mostra que seus garotos devem ter alguma importância muito grande para ele ou para Sir Ektor.

– Mas o que?

– Ele disse que amanhã vocês receberiam uma visita, certo, garoto?

Michael fez que sim.

– Sendo assim, só posso imaginar que ele vai querer que seus filhos sigam com ele para a fundação.

– Mas é claro que isso não vai acontecer.

– E por que não?

– Porque eu não vou permitir. Não é razoável deixar que um criminoso leve meus filhos, quanto mais de uma forma como essas.

– Não é razoável? Makoto, você entende que essa é uma chance única? Se Marinville quer levar seus filhos, os dois podem ser utilíssimos para que obtenhamos informações preciosas.

– Ficou louco, Muller?! – pela primeira vez Michael viu seu pai parecer fora de si. Meus filhos não são treinados para algo assim! Eles não são agentes secretos!

– Eu sei disso. Mas como você acha que Marinville vai aceitar a resposta de seus garotos se ela for um não? É claro que ele vê uma grande importância nos seus meninos, Makoto. Se eles são tão importantes para ele, eu só consigo imaginar um cenário: ele vai conseguir o que quer ou vai tentar até o fim. Por Deus, homem! Seus filhos estarão mais seguros se forem!

Fez-se silêncio. Satoshi não olhava mais para nenhum deles. Encara o céu através da porta de vidro da varanda. Michael permanecia tentando entender tudo aquilo e medir os riscos que o envolvia, mas não conseguia ficar com medo, ainda que toda a situação mostrasse que ele deveria ter.

– Satoshi, olhe... – iniciou Ben, mas foi interrompido abruptamente por Satoshi Makoto.

– Eu entendo. Sim, entendo bem. Você está certo, Muller. Se são tão importantes... eu irei com eles.

– Como é?! – saiu de imediato da garganta de Muller e do homem mais velho em uníssono; até mesmo Ben parecia estupefato.

– Se eles são tão importantes para ele. Importantes o bastante para ele se expor a tanto risco, então é razoável que ele aceite o pai dos garotos com ele. Ele não deve saber quem eu sou, eu vou me apresentar como alguém que é muito bom no que faz. Mais um talento para sua fundação. Ele não pode reclamar, pode?

Mais uma vez, silêncio.

– Hahaha! Você é louco, Makoto – ria Muller. Mas você sempre foi assim. Bem, eu não vejo por que não tentar, afinal, você nunca nos decepcionou.

– Bem, guarde um lugar pra mim lá – adiantou-se Ben, quando Satoshi ia tomar a palavra. Se você vai, eu devo poder ir também.

– Não, isso já não me parece razoável, Ben – disse Muller. Makoto já está tentando forçar a sorte, mas o seu caso seria algo muito além.

– Isso não quer dizer que...

– Sim, isso quer dizer sim – agora quem interrompia era o homem mais velho. Você não pode ir, mesmo que Marinville imprudentemente aceitasse. Mas você pode ficar a par de todas as informações que tivermos. Está bem assim?

Ben não mostrou-se a vontade para contrariar o senhor mais velho. Apenas afirmou com a cabeça.

Satoshi olhou para seus filhos como qualquer pai olharia ao fazer seus filhos de 5 anos viajarem sozinhos para o outro lado do país. Ia começar a explicar algo a eles, mas Muller se antecipou.

– Ouçam, garotos. O que vocês conseguiram entender de toda essa história? Acham que conseguem permanecer na Fundação Levine?

– Se meu pai confia que somos capazes, então por mim tudo bem – disse Brian, que começava a entender o que acontecia ali.

– Por mim está ótimo! – disse Michael em resposta.

– Michael, você vai para uma organização criminosa, entende isso? – perguntou seu pai.

– Entendo, pai.

– Então tome mais cuidado com seu senso de aventura. Não fique tão empolgado assim.

O garoto agora se recolhia contra o sofá, tentando sair da vista do pai da mesma maneira que fazia quando recebia um sermão por ter desrespeitado um professor ou por dizer que a coisa que mais quer fazer é ficar rico e viajar pelo mundo o tempo inteiro para conhecer novos países e participar de novas aventuras.

– Diga, Makoto, como seus filhos estão atualmente na manipulação da aura e do espírito? – perguntava o homem mais velho. Me parece que eles não estão muito bem ainda. Eles têm talento?

– Eles não sabem nada sobre manipular aura e espírito. Decidi treinar o corpo e a mente dos dois ao máximo antes de qualquer coisa.

– É uma boa decisão, comigo foi o mesmo – interrompeu Muller.

– Mas acredito que eles têm talento – concluiu Satoshi.

– Eu os conheço desde crianças – interveio Ben – e posso dizer que eles têm talento, com certeza.

– Bem, então talvez seja isso que tanto chamou a atenção de Marinville – disse Muller.

– Não me parece – deu de ombros o homem mais velho. Por mais talentosos que eles sejam, o risco é muito grande. Simplesmente não compensa. Mesmo que eles sejam os melhores do mundo um dia, nada garante que serão leais a Sir Ektor ou Marinville. Existe algo que...

Espere um momento! Manipulação de aura e espírito! Onde mais eu ouvi falar disso?

Michael Makoto agora se culpava. Como podia deixar passar algo assim?! Marinville usou essas mesmas palavras quando eles entravam no avião. E seu pai respondeu a mesma coisa: “eles não sabem nada sobre isso ainda”.

Claro! Tem de ser isso!

Michael já ouvira sobre aura e espírito antes. Coisas que os seres humanos têm, segundo algumas religiões. Se for verdade que existam, só podia ser algo assim que Marinville usou. Essa ideia fluiu pela mente de Michael e lhe deu um ânimo incrível. Ele iria descobrir tudo sobre isso, com certeza iria.

O avião agora começava a realizar manobras de aterrissagem. Michael se deteve ao ver pela janela de relance a propriedade abaixo deles. Havia uma pista de pouso. Toda a propriedade estava ao lado de uma pequena floresta que era menor que a propriedade.

Michael ia voltar às lembranças, mas seu olhar de relance agora vira a construção principal que havia na propriedade.

– É um castelo?! – a nostalgia inundou o coração de Michael ao ver aquela construção enorme; lembrava-se dos filmes medievais que outrora assistia.

– Hahahaha! Sim, meu amigo Michael! É claro que é um castelo! – ria-se Marinville ao perceber o espanto do garoto, e Michael podia ouvir pela primeira vez a voz de Marinville exaltada. E não é um castelo qualquer – completou. É um castelo assombrado!